

O PENSAMENTO CONSERVADOR NORTE-AMERICANO NA EDUCAÇÃO: DE RUSSEL KIRK A MILTON FRIEDMAN

Marcos Vinícius Pansardi¹

RESUMO

O objetivo deste texto é analisar o pensamento conservador norte-americano e suas propostas no campo educacional. Partindo das idéias de Russel Kirk, que a partir dos anos 50 tornou-se o principal protagonista da renovação do pensamento conservador norte-americano, procuramos reconhecer a originalidade dos seus conceitos e também sua particular concepção de uma educação conservadora. Este trabalho procura compreender os desdobramentos educacionais deste pensamento conservador nas atuais correntes neoconservadora e neoliberal.

Palavras-chave: conservadorismo norte-americano; filosofia política conservadora; educação conservadora.

A ascensão de George W. Bush ao governo dos Estados Unidos tornou pública a existência de um forte e original pensamento político pouco conhecido em nosso país. O conservadorismo norte-americano, apesar de ter origem européia, desenvolveu-se de maneira própria ao longo dos últimos séculos. Com uma diversidade de correntes e pensadores que revelam uma riqueza intelectual notável, nos surpreende o fato de que pouco ou quase nada existe, na produção brasileira sobre seus escritos.

Nosso esforço, portanto, serve como uma pequena introdução ao conservadorismo norte-americano contemporâneo, através da figura intelectual de Russell Kirk, reconhecidamente o pai do moderno pensamento conservador norte-americano. Foi sua obra, intitlada

¹ Professor Adjunto do PPEG – Mestrado em Educação. Universidade Tuiuti do Paraná. Email: mvcp@hotmai.com

The Conservative Mind. From Burke to Eliot, vinda ao público em 1953, que desencadeou o renascimento do conservadorismo nos E. U. A., pois até esses anos não havia neste país um movimento conservador digno do nome. Este livro, que nas palavras de Robert Nisbet (1980), havia feito o impossível, pois mudou o centro intelectual norte-americano a favor da tradição conservadora. Assim, até o ano de sua publicação, o liberalismo, ou progressismo norte-americano², representado pelo “New Deal” do presidente Franklin Roosevelt, havia transformado o conservadorismo em um sinônimo de reacionarismo, uma ideologia fora de moda e destinada apenas a figurar como um verbete na história das idéias políticas. Contudo, passado menos de dez anos de sua publicação eis que o movimento conservador norte-americano torna-se uma força política respeitável. Neste período haviam aparecido organizações conservadoras, influentes publicações, livros conservadores que se tornaram sucessos de venda, até um candidato presidencial conservador (Barry Goldwater), etc.

O que explica o extraordinário sucesso dessa obra? Deve-se observar que seu livro não buscou a construção de um arsenal teórico conservador, um conjunto de proposições que embasasse uma nova teoria política conservadora. Na realidade, seu trabalho foi reconstruir a história da tradição conservadora, portanto, um livro de história do pensamento político conservador norte-americano. Seu objetivo final foi demonstrar que havia uma respeitável tradição conservadora norte-americana. Uma plêiade de escritores, publicistas, políticos e acadêmicos surgiram de seus escritos demonstrando a respeitabilidade deste pensamento (ROSSITER, 1962).

Contudo, Russell Kirk não foi apenas um historiador do pensamento conservador, foi também um teórico e publicista de peso. Escreveu dezenas de obras e centenas de artigos, onde propagava seu ideal ao grande público³ e ao mesmo tempo buscava aprofundar o debate sobre os conceitos político-filosóficos conservadores. Meu objetivo, nesse texto, é abordar algumas categorias centrais do pensamento político de Kirk e concluir com o desdobramento de suas idéias no campo da educação.

² Deve-se lembrar que o termo liberalismo nos Estados Unidos tem uma conotação de “esquerda” que o diferencia do liberalismo clássico, por isso seria melhor usar o termo “progressismo” para evitar confusão.

³ Kirk teve por mais de vinte anos uma coluna sobre política e educação na revista conservadora “National Review”.

As origens de seu pensamento devem ser buscadas nas circunstâncias econômicas e sociais particulares do oeste além do forte apelo do conservadorismo neoliberal. Ressentimentos pela dominação política do leste (levando a um sentimento antiestatal pronunciado) é um dos mais velhos temas da história americana. Este fato ajudou a produzir as revoltas populistas do final do século XIX e movimentos periódicos de protesto desde então. O governo federal, através dos bancos e ferrovias, representou um papel opressivo e grande obstáculo para a liberdade do oeste. O contraste entre o oeste e o leste forneceu o mote para a defesa de uma visão liberal conservadora. As igrejas, os negócios e o patriotismo demonstram a vitalidade de velhos credos americanos cultivados pelo oeste. O contraste entre o oeste e o leste forneceu o mote para a defesa de uma visão liberal conservadora. As igrejas, os negócios e o patriotismo demonstram a vitalidade de velhos credos americanos cultivados pelo oeste. Somados com a convicção de que a liberdade econômica foi a responsável pelo crescimento econômico do oeste. Se isso é verdade ou não, é certo que fornece um combustível durável que abastece o conservadorismo da região e lhe dá uma base "libertária" poderosa (BRINKLEY, 1994).

No entanto, outras correntes poderosas, têm demonstrado poder crescente nas décadas seguintes à Segunda Guerra, que não são nem um pouco libertárias, mas ao contrário muito normativas. Muitos pensadores têm visto no culto da liberdade da América uma poderosa ameaça à virtude cívica e estabilidade social.

As suposições normativas que ao longo do tempo informavam o conservadorismo europeu, ou seja, a crença de que uma boa sociedade deve encontrar sua base, não simplesmente na liberdade, mas em respeito por tradições morais, valores universais e herdados da sociedade hierárquica, nunca tiveram grande apelo no pensamento americano na maior parte dos séculos XIX e XX. Estas idéias têm tido um apelo especial no sul dos Estados Unidos, com sua defesa das hierarquias, visão orgânica da sociedade, como racionalização da supremacia branca e da oligarquia econômica como também como expressões da resistência intelectual com as normas progressistas do mundo industrial (VIERECK, 1956).

Até a Segunda Guerra, talvez houvesse justificativa para tais suposições. Nos anos 50, um grande número de intelectuais conservador confrontou as visões relativistas dos libertários sobre

a sociedade em prol da importância de valores herdados e normas tradicionais não enraizadas em preocupações regionalistas. Um dos mais influentes destes intelectuais foi Russell Kirk, que alegava às vezes ser influenciado pela visão sulista (agrária), e que teve um papel fundamental para divulgar as visões de Edmund Burke (1982) na direita americana.

Ao definir o que significa o pensamento conservador Kirk nega a este o status de ideologia, seu caráter racionalista, não é, tampouco uma teoria social. O conservadorismo é um estado de espírito, um tipo de caráter, um olhar específico sobre a sociedade. Não sendo um conjunto racional de conceitos, ou um conjunto de dogmas como a religião, o conservadorismo é um sentimento, um “adjetivo” que comporta um sem número de variantes e interpretações. Um conservador, diria Kirk, é simplesmente uma pessoa que pensa como um conservador.

Há dois princípios fundantes no pensamento de Kirk: o primeiro ele chamou de “pensamentos permanentes” (Permanent Things), o segundo, de “imaginação moral”. Este primeiro princípio pode ser definido como um conjunto de leis morais –que são naturais, universais e permanentes – originárias da natureza humana e de princípios de verdade universais. Os pensamentos permanentes têm existência objetiva e podem ser compreendidos pela razão. Sua origem remonta na visão de Kirk da existência de um mundo transcendente, numa ordem divina superior e anterior a sociedade humana. É porque Deus existe, que as verdades e a moral eternas existem, que a natureza humana é imutável, imperfeita e limitada. Estes pensamentos permanentes permitem que possamos julgar os atos e pensamentos, tanto dos indivíduos como das sociedades. O conservadorismo não exclui o progresso, contanto que este se baseie em normas, nas leis eternas e universais. O progresso pode ser bom ou mal, dependendo no qual sentido ele caminha. Se o desenvolvimento não exclui a tradição, as experiências vividas, é porque a evolução da sociedade, sendo um movimento natural, contudo, não exclui a intervenção humana, escolhendo o que mudar e o que conservar. Estas escolhas exigem um refinado balanço da experiência humana, a “imaginação moral” é o termo que Kirk utiliza para designar essa ação. O termo não é novo, pois foi o pai do conservadorismo moderno, Edmundo Burke, que o cunhou. A imaginação moral é inspirada pelos grandes homens do passado, poetas, escritores, profetas, grandes

líderes, homens sensatos que souberam ver a vida com sabedoria e virtude. Essa imaginação é subjetiva e intuitiva, fruto da experiência prática de vida, da herança cultural, da vida espiritual, da família, da nossa civilização ocidental.

Apesar de defender que o conservadorismo não se caracteriza por um conjunto fechados de conceitos e que, portanto, as idéias conservadoras são plurais e mudam conforme as circunstâncias, Kirk não se inibe de construir uma série de dez princípios, (também chamados cânones do pensamento conservador) que seriam a essência do conservadorismo. Esses princípios ao longo de sua vasta obra sofreram modificações, a versão aqui apresentada é a mais recente por ele desenvolvida (KIRK, 1983).

Primeiramente, o conservador acredita que existe uma ordem moral duradoura. A ordem é o supremo princípio da sociedade e dos indivíduos. Ordem é sinônimo de harmonia. Essa ordem não é aquela produzida pelo Príncipe, apesar desta ser indispensável, contudo nenhuma ordem funciona sem que os indivíduos tenham um forte sentido de moralidade. Nenhuma ordem social sobrevive sem o sentido do dever.

Segundo, o conservador defende o costume, a convenção, e a continuidade. Preservar os costumes, as tradições e as hierarquias, em resumo, as convenções que são à base da civilização humana. A sociedade humana se impôs à barbárie em um longo processo em que os homens aprenderam, com grandes doses de sacrifício, a construir a ordem, sob regras de justiça, garantindo a ordem sem perder a liberdade. A vida em comum só é possível sob normas que estruturam nossos deveres e obrigações. O sentido da vida esta na continuidade. A sociedade se assemelha a uma corporação espiritual que tem como inspiração à igreja cristã. A mudança é necessária, como lembrou Burke, mas com prudência, isso é lenta, gradual e discriminatória.

Terceiro, os conservadores acreditam no que pode ser chamado o princípio da prescrição. O que significa que as coisas estabelecidas pelo uso desde tempos antigos têm prevalência sobre as soluções modernas. A sociedade é mais sábia que o indivíduo, portanto desconfiemos das novidades no campo político ou moral. Portanto, os preconceitos não devem ser vistos como negativos e sim como uma sabedoria coletiva.

Quarto, os conservadores são guiados por seu princípio da prudência. Para o homem público, ainda mais do que para o indivíduo

comum, a prudência é a maior das qualidades. Mudanças radicais e abruptas tendem ao fracasso. A imprudência caracteriza a ação revolucionária. Sendo a sociedade humana complexa as soluções não podem ser simples, exigem uma lenta reflexão, uma atenta observação das conseqüências dos atos reformistas.

Quinto, os conservadores prestam atenção ao princípio da diversidade. A sociedade humana caracteriza-se pela diversidade e pela desigualdade fruto da liberdade humana. A existência de instituições de todos os tipos, de diversas ordem e classes, de hierarquias variadas permite a existência da civilização. Ordem, justiça, liberdade e desenvolvimento econômico são frutos da diversidade. A uniformidade e o reducionismo levam a tirania e a estagnação econômica. A igualdade só existe perante Deus, a lei e os tribunais.

Sexto, os conservadores acreditam no princípio da imperfeição. O ser humano não é perfeito, ao contrário, carregando o peso do pecado original. Os homens não nascem naturalmente livres ou bons, mas naturalmente propensos à anarquia, a maldade e a destruição mútua. Portanto, a própria sociedade humana é imperfeita e injusta. A ação humana pode esperar construir uma sociedade toleravelmente ordenada, justa, e livre, contudo, alguns males e sofrimentos estarão sempre presentes. Novamente, a sociedade perfeita só existe após a morte, as utopias sociais são caminhos perigosos no sentido do caos ou da tirania. Apenas reformas prudentes podem melhorar a sociedade tornando-a tolerável.

Sétimo, os conservadores estão convencidos de que a liberdade e a propriedade são intimamente relacionadas. A propriedade é um bem em si mesma, gera nos homens um sentimento de responsabilidade, permite o desenvolvimento econômico, garante o ócio que permite o florescimento da cultura e do pensamento livre. Mas também é um bem porque a partir dela ergue-se uma fortaleza formidável em defesa das liberdades humanas. Ela é à base da família, e da comunidade. Mas a propriedade não é um fim em si mesma, ela tem que estar alicerçada em obrigações morais e cívicas com as quais dependem as sobrevivências da comunidade e da sociedade em geral.

Oitavo, os conservadores defendem ações comunitárias voluntárias, tanto quanto se opõem ao coletivismo involuntário. O individualismo deve ser complementado por um elevado sentido de

comunidade. Ao mesmo tempo em que desconfia da centralização política e econômica, os conservadores ressaltam o papel fundamental para uma sociedade livre o papel das ações locais e voluntárias. Toda ação que possa ser desenvolvida a nível local, seja pela iniciativa privada, seja pelas instituições comunitárias, deve ser preferida as ações do poder central.

Nono, o conservador percebe a necessidade de restrições prudentes ao poder e às paixões humanas. Sendo os homens caracterizados por uma má índole além de limitados e fracos, não se pode esperar que a centralização do poder na mão de um único homem ou de poucos produza um resultado benéfico para o conjunto dos membros de uma sociedade. Sabendo ser a natureza humana uma mistura de bem e de mal, o conservador não deposita sua confiança numa possível benevolência dos governantes. Portanto, para proteger a sociedade do apetite de poucos se deve criar limitações constitucionais, verificações e contrapesos políticos, o cumprimento adequado das leis, a antiga e intrincada teia das restrições por sobre a vontade e os apetites. O governo justo é aquele que mantém uma tensão saudável entre as reivindicações da autoridade e da liberdade.

Décimo, o pensador conservador compreende que essas permanências e mudanças devam ser reconhecidas e reconciliadas em uma sociedade vigorosa. O conservador não é oposto à melhoria social, embora duvide que haja algo como uma força geradora de algum progresso real. Quando uma sociedade está progredindo em alguns aspectos, geralmente está declinando em outros. O conservador sabe que toda sociedade saudável é influenciada por duas forças, que Samuel Coleridge chamou de Permanência e Progressão. A Permanência de uma sociedade é formada por aqueles interesses e convicções perenes que nos dão a estabilidade e a continuidade; sem essa Permanência, as origens profundas da sociedade são desfeitas, que cai em anarquia. A Progressão em uma sociedade é esse espírito e esse conjunto de talentos que nos incitam à reforma e à melhoria prudente; sem essa progressão, um povo irá estagnar. Ou seja, na terminologia de Kirk os "pensamentos permanentes" e a "imaginação moral". Por fim, ele ainda lembra que poderiam ser acrescentados outros princípios igualmente importantes, como a compreensão conservadora da justiça, ou a visão conservadora da educação.

Para Kirk o papel da educação está intimamente ligado ao seu conceito de "imaginação moral", ao desenvolvimento desse espírito criador, do conjunto de talentos que nos permitem escolher os caminhos que nos levarão a sociedade razoável e tolerável, que ele tanto fala. O incitamento à prudência, a disciplina da mente na busca da verdade, da virtude e da sabedoria. Sem uma visão ampla e profunda, as reformas tornam-se perigosas. A imaginação moral é também, um corpo coerente de conhecimentos, além de um conjunto de valores altamente apreciados pela nossa civilização. Mais do que tudo, a educação deve preparar o indivíduo para a competição, para o reconhecimento e o respeito às normas. Deve reconhecer os fundamentos da natureza humana e os fundamentos da ordem.

O fim essencial do mais alto aprendizado, em todos os locais e em todos os tempos, tem sido o que John Henry Newman chamou de treinar o intelecto para formar um hábito filosófico de pensar. As universidades e as escolas foram criadas para desenvolver a razão correta e à imaginação, em consideração às pessoas e à República. A educação elevada, pela sua natureza, é construída por abstrações – as mais difíceis abstrações, tanto na ciência como nos estudos humanos. A universidade é um instrumento para ensinar que a verdade é melhor do que a falsificação, e a sabedoria melhor que a ignorância.

Contudo, é uma verdade reconhecida por todos, que a maioria das pessoas, em qualquer época, não são versadas em abstrações. Apenas uma minoria de talentos é capaz de compreender os sutis caminhos da razão. A educação elevada não é para todos, a ilusão disseminada pelos liberais progressistas acredita que o papel da educação é combater a desigualdade, principalmente a intelectual, transformando todos os homens em eruditos (KIRK, 1959). Essa ilusão democratizante fere a natural desigualdade e diversidade humana expressa na existência de inúmeras ordens e classes. A utopia democrática liberal gerou o monstro da educação compulsória, da pressão niveladora⁴. Ao negar a natureza humana, essa ação se vitoriosa, resultaria em um esforço para impedir qualquer indivíduo da ascensão sobre a mediocridade intelectual da maioria. A utopia progressista esquece que, em verdade, toda sociedade é a negação da igualdade. Formar os líderes de nossa República, selecionar os melhores, desenvolver neles a imaginação moral, este é o verdadeiro papel da educação conservadora. Desenvolver

⁴ ... Uma análise popular da visão conservadora sobre a crise da educação superior norte-americano pode ser encontrada em A. Bloom. O declínio da cultura ocidental.

intelectos livres e criativos é uma garantia contra a servidão que ameaça a sociedade moderna.

Um dos pecados da escola “progressista” é a tentativa de construir valores coletivistas, como a solidariedade, o humanismo, a fraternidade. Buscam, assim, destruir os saudáveis princípios da competitividade, da ambição e do individualismo.

De tal escola, além do mais, criou uma geração que desconhecia as normas, os deveres e os fundamentos da natureza humana e da ordem civil social: “uma geração de fedelhos mimados, entediados e potencialmente perigosos” (KIRK, 1959).

Esta geração é fruto de uma sociedade do consumo, da televisão, das engenhocas eletrônicas que embotam o cérebro e causam a ilusão do progresso. Kirk desconfia dos avanços tecnológicos, das inovações pedagógicas, é um crítico mordaz da sociedade informacional, do computador, da psicologia cognitiva, das técnicas audiovisuais (Kirk, 1987). Para ele, os avanços das sociedades industriais, das megalópoles, dos grandes conglomerados oligopólicos ameaçam os esteios da sociedade tradicional, aquela em que os indivíduos e suas famílias vivem em comunidade na harmonia gerada por uma ordem natural sob a imutável proteção divina. Essa ordem, ainda sobreviveria nos estados conservadores do meio-oeste norte-americano por alguns anos e ganharia sobrevida no contexto da Guerra Fria e da revolta dos negros pelos direitos civis nos anos 60. Contudo, o surgimento de um movimento chamado de “neoconservador” nos anos 80 mostra o esgotamento dessas idéias e a erupção de uma modernidade tardia nas hostes conservadoras norte-americanas.

Nos anos 70 e 80 esta tradição intelectual normativa começou a atrair segmentos políticos e populares de forma crescente. Os “straussianos”⁵, por exemplo, estavam no centro dos debates

⁵ ... Os “straussianos” eram discípulos de Leo Strauss, que durante muitos anos foi professor da Universidade de Chicago, e que é considerado o “pai espiritual” do neoconservadorismo norte-americano.

acadêmicos e intelectuais dos anos 80 (exemplo disso é o enorme sucesso do livro de Allan Bloom, já citado) ganhando simpatia considerável com seus argumentos de que a tradição pode providenciar à sociedade um centro moral e espiritual. Os chamados "neoconservadores", muitos dos quais ex-socialistas (trotskistas), começaram nos anos 60 a abraçar e a promover uma forma de conservadorismo normativo em seus esforços para desacreditar a Nova Esquerda ("New Left"). Eles não abraçaram completamente Kirk e/ou Leo Strauss, mas suas denúncias do radicalismo e do relativismo dos anos 60, seus pedidos pelo retorno da legitimidade dos centros tradicionais de autoridade, seu clamores pela reforma do nacionalismo americano e seu reconhecimento dos valores morais da democracia americana, lembrou fortemente os apelos de outros duradouros conservadores. Reconhecem e valorizam o papel do progresso e da tecnologia na construção do mundo moderno. Não se vêem como saudosistas de uma era de ouro da sociedade americana olham para o futuro, agem como reformistas e não reacionários. E, principalmente, não tem uma visão essencialmente negativa sobre o papel do Estado, seja no campo econômico ou cultural (KRISTOL, 2003).

De suas origens liberais-democratas trazem a defesa do intervencionismo e o planejamento de um Estado de Bem-estar social, certamente não do tipo europeu, mas um tipo mais residual, restrito e moldado às tradições americanas do "New Deal".

Por outro lado, a partir de suas raízes na esquerda americana, compreendem a sociedade moderna nos termos gramscianos da luta hegemônica, os neoconservadores deslocam sua preocupação central dos temas da economia política para os temas culturais. Travam uma luta ideológica em defesa dos valores "americanos", de uma "cultura comum", da "coesão cívica" (BREYER, 2004).

Uma luta de vida e morte se trava na história americana moderna, a luta entre os valores americanos tradicionais: uma ética protestante do trabalho, a centralidade da propriedade privada, a moral cristã; contra a invasão cultural estrangeira representada pelo multiculturalismo, pelo relativismo disseminado pelos liberais progressistas e pela esquerda pós-moderna. Para estes todas as culturas se equivalem, não há verdade, não existiriam valores superiores ou inferiores.

O campo de batalha é a escola.

Segundo Bloom defender a cultura americana dominante contra as minorias culturais é uma luta da ciência contra o obscurantismo, é defesa da especificidade americana “com as suas tradições, sua literatura, seus gostos, a especial aspiração a saber e vigiar a língua e suas religiões protestantes. (Este) tentou liquidar o outro elemento de nossa herança política – a lei da maioria -, para favorecer uma nação de minorias e de grupos (...)” (1989, p. 37).

Os Estados Unidos sempre foi um país receptor de culturas e povos das mais diferentes origens, contudo, desde sua fundação se buscou assimilação destas minorias dentro da cultura dominante. A visão dos “founding fathers” era da necessidade de um combate a estas minorias, ao seu caráter de facção. Eles se caracterizavam como grupos egoístas que deveriam, portanto, ser diluídos em prol do bem comum.

A educação era fundamental nesse processo ao fazer com que estes imigrantes abandonassem sua individualidade cultural e abraçassem a cultura americana e, assim, se integrassem na nova sociedade. Desta forma, a educação não é um serviço que pode ser comprado, mas é um bem público.

O verdadeiro imperialismo americano é cultural, é a defesa dos valores democráticos. Os Estados Unidos são os depositários e principais defensores de uma “tradição ocidental”. Segundo o autor:

Na história do mundo, este é o instante supremo dos Estados Unidos, pelo qual seremos julgados por toda a eternidade. Tal como em política, a responsabilidade pelo destino da liberdade sempre recaiu sobre o nosso regime, assim a destino da filosofia no mundo recaiu sobre as nossas universidades. (BLOOM, 1989, p. 397)

No entanto, o diagnóstico neoconservador é que a América está doente. Usam uma analogia médica que fala em doença social, patologia social, sistema imunológico, vírus, infecção, defesa do corpo social contra os agentes externos. Assim sendo, nesta analogia o papel do sistema educativo age como um sistema de defesa e de reprodução de anticorpos. O ponto fraco do corpo social são os pobres (em geral imigrantes ou minorias étnicas como os, negros), pois estes os sujeitos sociais menos preparados para se defenderem desta patologia social.

A responsabilidade dos professores e da escola se torna fundamental nesta batalha de idéias. Contudo, são estes mesmos (professores, sindicatos, burocracia e administração educacional) os maiores obstáculos ao processo de reforma pretendido pelos neoconservadores (BREYER, 2004).

Ainda pode-se lembrar da existência de outro segmento da direita contemporânea cujas demandas são consideravelmente mais radicais e cujas críticas ao mundo contemporâneo derivam, não de noções elitistas da tradição e da moralidade, mas do que, na falta de melhor termo, poderíamos chamar de fundamentalismo religioso⁶.

Os membros da direita fundamentalista norte-americana continuam a definir sua sociedade como uma sociedade singular: como um bastião de valores tradicionais (ou da "família") e da fé tradicional numa era crescentemente sem Deus, como uma cidadela da justiça em um mundo corrupto; como a única e verdadeira nação cristã no mundo. Os fundamentalistas não consideram a possibilidade de abandonar em nome do progresso, os valores e a fé que dá as suas vidas, e das suas comunidades, um significado⁷.

Para estes, a luta contra a educação pública é a defesa do papel da família, da igreja e da comunidade na educação das crianças. O Estado laico leva a desagregação dos valores morais. Isto se reflete, por exemplo, na luta contra a na educação sexual, na biologia darwinista e a defesa do ensino religioso. A conclusão é de que "a educação pública moderna é a força mais perigosa que existe na vida de uma criança: em termos religiosos, sexuais, econômicos, patrióticos e físicos" (APPLE, 2003:66).

Os neoliberais americanos incorporam os valores essenciais do conservadorismo americano: do individualismo possessivo, da ética protestante do trabalho, da defesa da propriedade privada, da ética cristã, da cultura democrática. Por outro lado, coloca em segundo plano o discurso moral salientando o argumento econômico, ou seja,

⁶ O uso do termo "fundamentalismo" não simplesmente descreve aqueles acreditam no fundamentalismo religioso (alguns destes estão envolvidos na assim chamada "Direita Cristã", mas muitos destes não são politicamente ativos) mas um grande grupo, freqüentemente descrito como "Nova Direita" ou de "Direita Populista", que fazem uma cruzada para limpar a cultura e a política norte-americana do que eles consideram o seu caráter relativístico e anti-tradicional (Miliband, 1992)

⁷ Para uma leitura mais profunda da direita fundamentalista consultar: A. Wolfe. *Sociology, liberalism and radical right*. *New Left Review*. N.º 128, July/August 1981; M. Kazin. *The grass-roots right: new histories of U.S. conservatism in the 20 th century*. *AHR*, n.º 97, Feb. 1992.

a lógica da tradição pela do mercado. Em realidade, os valores e os princípios não podem ser separados da estrutura do capitalismo. A idéia central é de que não há incompatibilidade com os valores políticos e culturais da liberdade e da democracia com os valores econômicos (produtividade, eficácia, competitividade). A liberdade só pode nascer e se expandir em uma sociedade que preserve a propriedade privada.

Assim, engana-se quem acha que os neoliberais não compreendem o papel dos valores para a sociedade contemporânea. A importância é atestada pelo papel desempenhado pela educação no pensamento de Milton Friedman, um dos ícones do pensamento neoliberal norte-americano.

Para o autor, não se pode compreender a sociedade americana sem compreender o papel da escola na construção desta nação. A educação sempre fez parte do sonho americano, sendo um dos pilares da nascente sociedade puritana das colônias. A referência da excelência na educação para Friedman era a Inglaterra puritana, a época de ouro da educação, quando o seu controle era determinado pelos próprios pais, pela comunidade e pela Igreja. No início, a educação era essencialmente privada, desenvolvida em anexos da Igreja ou ofertada pelas próprias comunidades, só muito posteriormente ela foi encampada pelo Estado (FRIEDMAN; FRIEDMAN, s/d, p. 153).

Para Friedman, a educação tem um papel fundamental na constituição de uma sociedade estável e democrática, sem a qual o capitalismo moderno não poderia florescer, garantindo a alfabetização, a incorporação de um conjunto de conhecimentos mínimos e de valores para todos seus cidadãos (1984, p. 84).

Para ele, no entanto, devemos separar o conceito de educação, como exposto acima, da instrução, já que a primeira é um processo muito mais amplo, em geral, desenvolvendo-se nos espaços extra-escolares, como na família, na comunidade, ou nos espaços religiosos.

A instrução é o que caracteriza propriamente o espaço escolar público, sendo que esta tem dois objetivos fundamentais, preparar o indivíduo para a cidadania ou para a liderança (1984:84). A primeira, essencialmente dirigida para as classes inferiores e a segunda para as classes dirigentes. Assim, para as classes populares a instrução deveria construir valores comuns, divulgar princípios que permitam

a sua aderência às instituições do mercado e da democracia. Deve também ser capaz de afirmar a importância e o "verdadeiro lugar" destas classes na estrutura social americana. Para as classes dirigentes a assimilação de uma cultura superior, dos valores fundamentais de uma "tradição ocidental", baseada no pensamento racional e científico que os capacitem à liderança, seja no campo privado como no público.

Friedman vê a escola americana como uma instituição falida, ineficiente e burocrática. Se a qualidade é um problema real a grande questão não é a busca da igualdade, e sim a equidade, ou seja, para ele o maior problema é a incapacidade da educação em garantir a diversidade. De preparar os jovens mais aptos para assumir posições de liderança na sociedade norte-americana. O ensino público se orienta para os processos de homogeneidade social, que poderiam ter sentido nos períodos de assimilação dos imigrantes entre o século XIX e início do século XX, mas que são obsoletos nos dias atuais.

Garantir a diversidade é garantir a liberdade, garantir a liberdade é garantir a democracia e esta é vista pelos neoliberais como representada pela livre escolha proporcionada pelo mercado. A liberdade de escolher é fraudada pelo sistema educacional governamental. O mercado, ou o princípio da livre competição da instrução se caracteriza pelo controle dos pais sobre a educação dos seus filhos. Ao contrário, o sistema estatal se caracteriza pelo controle da instrução pelos profissionais da educação (Friedman, 1984:91). Estes são responsáveis pelo movimento que levou a estatização do sistema escolar norte-americano. A retórica que visava a busca da igualdade escondia em realidade os interesses egoísticos destes profissionais.

A nacionalização da indústria da educação significou o "estabelecimento do sistema escolar nos Estados Unidos, como uma ilha de socialismo num mar de livre empresa". (FRIEDMAN; FRIEdman, s/d, p. 157)

Para o autor, a intervenção do Estado no campo educacional só se justifica, em uma sociedade livre e democrática, sob dois aspectos: 1) com respeito aos "efeitos laterais" que produzirá (ou seja, ganhos coletivos); 2) o efeito paternalista sobre as crianças. Não se justifica para o treinamento vocacional que teria o único objetivo um ganho de produtividade para o próprio indivíduo. A construção de um programa educacional para os cidadãos de uma democracia se justifica para os

O pensamento conservador.. - *Marcos Vinícius Pansardi*

níveis iniciais de ensino, não se justificando mais para os níveis médios e superiores. Nestes níveis nada mais se faz do que um investimento em capital humano, sendo análogo ao investimento em maquinaria ou instalações, em uma indústria (FRIEDMAN, 1984:93).

O sucesso dos conservadores na luta contra a visão progressista no campo da educação se deve, em grande escala, a sua capacidade de construir alianças entre as suas várias divisões - fundamentalistas cristãos, neoconservadores e neoliberais - a partir da construção de uma temática comum, da defesa de princípios comuns, como base de uma política educacional unificada.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze the North American conservative thought and its proposals in the field of educational. Based on the ideas of **Russell Kirk**, who become the main protagonist of the renewal of the American conservative thought after the 50s, we recognize the originality of his concepts and particularly his ideas of conservative education. This work seeks to understand the educational implications of this conservative thought in the current neoconservative and neoliberal trends.

Key words: North American conservatism; conservative political philosophy; conservative education.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es analizar el pensamiento conservador de Estados Unidos y sus propuestas en el ámbito educativo. Uso de las ideas de **Russell Kirk**, quien desde los años 50 se ha convertido en el principal protagonista de la renovación del pensamiento conservador americano, reconocemos la originalidad de sus conceptos y su particular concepción de una educación conservadora. Este trabajo busca entender las ramificaciones de la educación de este pensamiento conservador em las actuales visiones neoconservadoras y neoliberales.

Palabras clave: conservadurismo de Estados Unidos; la filosofía política conservadora; educación conservadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Apple, M. W. (2003) *Educando à direita*. Mercados, padrões, Deus e desigualdade. S. Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire.
- Bloom, A. (1989) *O declínio da cultura ocidental*. S. Paulo: Best Seller.
- Beyer, L. (2004) Direções do currículo: as realidades e as possibilidades dos conflitos políticos, morais e sociais. *Currículo sem Fronteiras*, v.4, n.1, pp. 72-100, Jan/Jun.
- Brinkley, A. (1994) The problems of american conservatism. *The American Historical Review*. V. 99, n.º 2, abril.
- Burke, E. (1982) *Reflexões sobre a Revolução em França*. Brasília: Ed. UnB. (Col. Pensamento Político, n.º 51).
- Friedman, M. (1984) *Capitalismo e liberdade*. S. Paulo: Abril Cultural.
- Friedman, M.; Friedman, R. (s/d). *Liberdade de escolher*. Rio de Janeiro: Record.
- Kazin, M. (1992) The grass-roots right: new histories of U.S. conservatism in the 20 th century. *AHR*, n.º 97, Feb.
- Kirk, R. (1959) Freud and the Educationists. *National Review*, August 29.
- _____ (1994/5) *The conservative mind: from Burke to Eliot*. Washington: Regrevy.
- _____ (1993) *Politics of Prudence*. N. York: ISI Books.
- _____ (1987) Human Learning in the Age of the Computer. In: *The Wise Men Know What Things are Written on the Sky*. Washington: Regnery Gateway.
- Kristol, I. (2003) "The Neoconservative Persuasion," *The Weekly Standard*. August 25
- Miliband, R. et al. (1992) *El conservadorismo en Gran-bretaña y Estados Unidos – retórica y realidad*. Valência: Alfons el Magriani.
- Nisbet, R. (1980) Conservative and libertarians: uneasy cousins. *Modern Age*. v. 24, n.º 4/5.
- Rossiter, C.(1962) *Conservatism in América: the tankless persuasion*. N. York: Random House.
- Viereck, P. (1956) *Conservatism: from John Adams to Churchill*. N. Jersey: Van Nostrand.
- Wolfe, (1981) A. Sociology, liberalism and radical right. *New Left Review*. N.º 128, July/August.

Recebido em 25 de maio de 2009.

Aceito em 30 de junho de 2009.